



PUCRS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Atravessando o portão...

*PERCORRENDO SIGNIFICADOS E CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO
NÃO-FORMAL NAS VIVÊNCIAS DE AGENTES COMUNITÁRIOS*

Dissertação de Mestrado

ALINE REIS CALVO HERNANDEZ

Porto Alegre, dezembro de 2000

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Itália km. 808 - Caixa Postal 91509-900
Fone: (51) 320-3500 - Fax: (51) 320-3500
CIB - Caixa Postal 9100 - Porto Alegre - RS
Brasil

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Atravessando o portão...

PERCORRENDO SIGNIFICADOS E CARACTERÍSTICAS DA
EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NAS VIVÊNCIAS DE AGENTES
COMUNITÁRIOS

ALINE REIS CALVO HERNANDEZ

Porto Alegre, 2000

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Atravessando o portão...

*PERCORRENDO SIGNIFICADOS E CARACTERÍSTICAS DA
EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NAS VIVÊNCIAS DE AGENTES
COMUNITÁRIOS*

ALINE REIS CALVO HERNANDEZ

Dissertação apresentada como
requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre
em Educação

ORIENTADORA: DRA. MARIA EMÍLIA AMARAL ENGERS

Porto Alegre, 2000

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H557a Hernandez, Aline Reis Calvo

Atravessando o portão : percorrendo significados e características da educação não-formal nas vivências de agentes comunitários / Aline Reis Calvo Hernandez. – Porto Alegre, 2000.

240 f.

Diss. (Mestrado em Educação) – PUCRS, Fac. de Educação.

1. Educação não-formal 2. Agentes Comunitários – Educação não-formal 3. Fenomenologia I. Título

CDD 374

371.967

Bibliotecária Responsável
Salette Maria Sartori
CRB 10/1363

Dedicatória

Dedico estes escritos a três educadores que marcaram a minha vida...

*À minha avó materna, **Genny Marques Reis** (in memoriam)*

por ter feito de sua casa a escola...

*À minha mãe, **Ivane Reis Calvo Hernández**,*

por ser exemplo de coragem no mundo da vida...

*Ao meu pai, **Aureliano Calvo Hernández**,*

por suas palavras silenciosas, viajantes e sorridentes...

Agradecimentos

A todos os (as) agentes comunitários (as), por repartirem comigo um pouco de suas histórias num desvelar tão singular e inesquecível.

Com certeza estas linhas são nossas.

À Dra. Mirian Sirley Comiotto, por haver-me mostrado que os conteúdos realmente importantes de serem conhecidos não estão cercados por muros acadêmicos, mas situados no mundo-da-vida.

À Dra. Maria Emília Amaral Engers, por ter me presenteado com sua confiança, sabedoria e carinho.

Aos meus irmãos Paco, Daniel e André que subiam no mezanino (meu refúgio), para dar um "oi" ou para repartir um pouco das simplicidades do cotidiano.

Ao Rafa, meu mano do coração, porque, entre um 'chima' e um pôr-do-sol, discutíamos sobre o valor da ciência. E porque ele ama a vida!

À Cristina, por sua amizade em todas as horas e pelo companheirismo durante os momentos mais solitários e felizes desta caminhada.

A vocês, que deram sentido a estas páginas, de coração...Obrigada!

"Nemo est in intellectu quod prius non fuerit in sensu."

"Não há nada no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos."

(Aristóteles)

"Hay teachers leave the kids alone!"

All in all it's just another brick in the wall"

(Pink Floyd)

"Ojalá que llueva café en el campo..."

Para que la realidad no se sufra tanto..."

(Café Tacuba)

"Certa vez o grande mestre italiano Vittorio Scialoja demorou-se na sala de aula, e quando ele e seus alunos foram sair, os portões da Universidade estavam fechados.

Tiveram que desmontar os velhos portões.

Daí tirou a lição de que esta era a tarefa dos professores e dos alunos, juntos desmontarem os muitos portões velhos."

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 OBJETIVOS.....	23
2 QUESTÕES NORTEADORAS.....	24
3 OPÇÃO METODOLÓGICA.....	25
3.1 <i>A Fenomenologia e as Redes do Vivido.....</i>	25
3.2 <i>Participantes.....</i>	35
3.3 <i>Coleta das Informações: Instrumentos e Técnicas.....</i>	52
3.4 <i>Metodologia para análise dos Dados.....</i>	55
4 TECENDO ESSÊNCIAS E DIMENSÕES.....	58
4.1 ESSÊNCIA I - O TECIDO COMUNITÁRIO E AS TEXTURAS CONTEXTUAIS.....	61
4.1.1 <i>O Contexto Comunitário e as Formas do Cotidiano.....</i>	61
4.1.2 <i>A Cultura Comunitária: do Singular ao Complexo.....</i>	78
4.2 ESSÊNCIA II – OS FIOS DA INTERSUBJETIVIDADE E SUAS TRAMAS.....	90
4.2.1 <i>O tornar-se Agente Comunitário.....</i>	90
4.2.2 <i>Mudanças Intra e Intersubjetivas: do crescimento individual ao inter-relacional.....</i>	105
4.2.3 <i>Construindo Referenciais: Pessoais, Coletivos e Sociais.....</i>	112

4.3 ESSÊNCIA III - A COSTURA: A PLURALIDADE DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E SEUS PONTOS PRINCIPAIS.....	122
4.3.1 <i>A Dinâmica da Educação Não-Formal.....</i>	122
4.3.2 <i>A Pluralidade dos Movimentos: instrumentos e técnicas.....</i>	137
4.3.3 <i>Desmanchando alguns "nós": do começo e das dificuldades às conquistas.....</i>	155
4.3.4 <i>O Diálogo com a Educação Formal.....</i>	164
4.4 ESSÊNCIA IV - ESTAMPAS: CORES, SENTIMENTOS E VIVÊNCIAS.....	185
4.4.1 <i>O Ensinar e o Aprender: Ressignificando o Mundo-da-Vida.....</i>	185
4.4.2 <i>Descobrendo o Prazer e as Realizações.....</i>	204
4.4.3 <i>Perspectivando Sonhos, Expectativas e Desejos.....</i>	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	233
<i>Alguns Arremates.....</i>	233
OBRAS CONSULTADAS.....	232
ANEXOS.....	242
ANEXO 1: <i>Roteiro da Entrevista.....</i>	243
ANEXO 2: <i>Exemplo de uma Síntese Fenomenológica Entrevista com "A Recicladora da Vida".....</i>	245

RESUMO

O presente estudo investiga a Educação Não-Formal na prática cotidiana de agentes comunitários. Com o olhar voltado às suas vivências mais significativas, essa pesquisa está guiada pelo paradigma fenomenológico, cuja essência é qualitativa e dialético-existencial.

Com o objetivo central de compreender a Educação Não-Formal em suas múltiplas facetas, partimos, através de entrevistas abertas e dialógicas, para a coleta de informações referenciais acerca dos diversos significados e formas da ação-comunitária. Para tanto, contamos com depoimentos de seis agentes comunitários, de diferentes regiões de Porto Alegre, que foram indicados por suas respectivas comunidades como mediadores de um projeto social e por desenvolver atividades de animação sociocultural.

Ao conhecer as práticas norteadoras das ações dos agentes na comunidade pudemos apontar seus objetivos, procedimentos, instrumentos, técnicas e significados através de um referencial paradigmático da ação sociocomunitária. As falas dos agentes comunitários estão a demarcar e salientar o texto e foram compreendidas a partir da metodologia fenomenológica apresentada por Giorgi (1985/1997), em cinco passos de aplicação, acrescidos de um sexto, proposto por Comiotto (1992): 1º) *Coleta das informações através de entrevistas abertas, gravadas em áudio.* 2º) *Audição e transcrição fidedigna das fitas.* 3º) *Discriminação das unidades de significado pela redução fenomenológica.* 4º) *Retomada das unidades de significado, transformando-as em linguagem do pesquisador.* 5º) *Síntese das unidades de significado reunidas num texto harmônico.* 6º) *Localização das dimensões fenomenológicas.*

A análise das informações, feita a partir da compreensão-interpretativa do fenômeno revelado, é sustentada por interlocuções teóricas com autores da contemporaneidade. Através da confluência mútua entre o fenômeno revelado, a análise compreensiva interpretativa e a fundamentação

teórica emergiram quatro essências fenomenológicas: 1) *O Tecido Comunitário e as Texturas Contextuais*; 2) *Os Fios da Intersubjetividade e suas Tramas*; 3) *A Costura: a pluralidade da Educação Não-Formal e seus pontos principais*; 4) *Estampas: Cores, Sentimentos e Vivências*. Essas essências, acompanhadas das dimensões fenomenológicas, revelaram a comunidade como um espaço propício para o desenvolvimento e efetivação da Educação Não-Formal.

Os agentes comunitários não trabalham com o ensino, mas com a educação de forma abrangente, com o saber democratizado. As práticas educativas informais aparecem como aspectos complementares à educação formal, como possibilidades de superar lacunas deixadas pelo sistema atual de ensino. Sem uma Pedagogia adaptada às suas necessidades específicas, a comunidade vai superando limites, criando e recriando recursos e, através da intervenção sociocomunitária está direcionada ao desenvolvimento das potencialidades dos integrantes do entorno, numa perspectiva cidadã e solidária da autogestão.

ABSTRACT

The present research focuses on Non-Conventional Education in the everyday practice of communitary agents. Looking upon their most meaningful experiences, this research follows the phenomenological guidelines, which has a qualitative and a dialectic-existential essence.

With the aim of understanding the different faces of Non-Conventional Education, we collected the necessary information regarding the diverse meanings of communitary action by means of open dialogue-based interviews. We had access to the reports of six communitary agents from different districts of the city of Porto Alegre who were appointed by their communities as being the mediators of a social project and the promoters of socioculturally encouraging activities.

By identifying the guiding practices of the agents' action in their communities, we were able to recognize their objectives, procedures, tools, techniques and meanings through the viewpoint reference of the communitary action. The communitary agents' speeches determine and enhance the text and were analyzed as from the viewpoint of Giorgi's phenomenological methodology (1985/1997), in five steps, to which a sixth step suggested by Comiotto (1992) was added. They are as the following: 1°) Collecting the necessary information by means of audio-recorded open interviews. 2°) Listening and transcribing the tapes. 3°) Classifying the units of meaning and translating them into the researcher's language. 5°) Synthesizing the units of meaning and gathering them in an harmonic text. 6°) Spotting the phenomenological dimensions.

The analysis of the information, which was done on the basis of the comprehension and interpretation of the revealed phenomenon, is sustained by means of theoretical interpellations of contemporary authors. From the mutual influence of the revealed phenomenon, the comprehensive and

interpretative analyses and the theoretical background, four phenomenological essences emerged: 1) *The community as a whole and the contextual subtleties*; 2) *The intersubjectivity web and its intricacies*; 3) *The linkage: the different forms Non-Conventional Education can assume and their main points*; 4) *The patterns: Feelings and experiences*. These essences, and their phenomenological dimensions, revealed that the community is a fertile ground for the developing of non-conventional forms of education. The communitary agents do not deal with teaching, but with a more comprehensive kind of education, a more democratic knowledge. The non-conventional educational practices seem to be left aside by the current teaching system.

In spite of not availing a Pedagogy that is adapted to the community's specific needs, the people overcome their limitations, create and reinvent resources and thanks to the communitary action are developing the individual skills from a perspective of sympathy and self-management.

RESUMEN

El presente estudio investiga la Educación No-Formal en la práctica cotidiana de agentes comunitarios. Con un mirar vuelto para sus vivencias más significativas, esta pesquisa está guiada por el paradigma fenomenológico, cuya esencia es cualitativa y dialéctico-existencial.

Con el objetivo central de comprender la Educación No-Formal en sus múltiples facetas, partimos, a través de entrevistas abiertas y dialógicas, para la colecta de informaciones referenciales acerca de los diversos significados y formas de acción comunitaria. Para eso, contamos con declaraciones de seis agentes comunitarios, de diferentes regiones de Porto Alegre, indicados por sus respectivas comunidades como mediadores de un proyecto social y por haber desarrollado actividades de animación sociocultural.

Al conocer las prácticas norteadoras de las acciones de estos agentes en la comunidad, podemos apuntar sus objetivos, procedimientos, instrumentos, técnicas y significados a través de un referencial paradigmático de la acción sociocomunitaria. Las charlas de los agentes comunitarios demarcan y destacan el texto y fueron comprendidas a partir de la metodología fenomenológica presentada por Giorgi (1985/1997), en cinco pasos de aplicación, enriquecidos de un sexto, propuesto por Comiotto (1992): 1º) *Colecta de las informaciones a través de entrevistas abiertas*, gravadas en audio. 2º) *Audición y transcripción fidedigna* de las cintas. 3º) *Discriminación de las unidades de significado* por la reducción fenomenológica. 4º) *Retomada de las unidades de significado* transformándolas en lenguaje del investigador. 5º) *Síntesis de las unidades de significado* reunidas en un texto armónico. 6º) *Localización de las dimensiones fenomenológicas*.

El análisis de las informaciones, hecho a partir de la comprensión interpretativa del fenómeno revelado, está sustentado por interlocuciones teóricas, con autores de la contemporaneidad. A través de la confluencia mutua entre el fenómeno revelado, el análisis comprensivo interpretativo y la fundamentación teórica, surgieron cuatro esencias fenomenológicas: 1) *El tejido comunitario y las texturas contextuales*; 2) *Los hilos de la intersubjetividad y sus tramas*; 3) *La costura: la pluralidad de la Educación No-Formal y sus puntos principales*; 4) *Estampas: Colores, sentimientos y vivencias*. Esas esencias, acompañadas de las dimensiones fenomenológicas, revelaron la comunidad como un espacio propicio al desarrollo y efectivación de la Educación No- Formal.

Los agentes comunitarios no trabajan con la enseñanza sino con la educación, de una forma abrangente, con el saber democratizado. Las prácticas educativas informales aparecen como aspectos complementarios a la educación formal, como posibilidades de superar lagunas dejadas por el actual sistema de enseñanza. Sin una Pedagogía adaptada a sus necesidades específicas, la comunidad va superando límites, creando o recriando recursos y, a través de la intervención sociocomunitaria, está direccionada al desarrollo de las potencialidades de los integrantes del entorno, en una perspectiva ciudadana y solidaria de autogestión.

INTRODUÇÃO

Ao fazer um resgate do porquê realizar um curso de Pós-Graduação em Educação, encontro as respostas num baú de memórias guardadas há muito tempo... Desde criança o universo da Educação me é familiar, pois, sendo filha de educadores, via o cotidiano de meus pais sempre recheado de histórias de sala de aula que, ao serem contadas e recontadas em casa, revelavam um exercício impregnado de entusiasmo, credibilidade e muito amor.

Suas palavras encantavam e, não raro, os via horas a fio planejando aulas, preparando leituras, textos e material didático. Com o pouco tempo que tinham, envolviam os quatro filhos naquele mundo tão colorido e cheio de vida e repartiam conosco as histórias dos livros infantis, as músicas e as imagens dos *slides* e das lâminas que logo seus alunos veriam. Muitas vezes, talvez cansados da jornada docente, ainda nos auxiliavam nas tarefas escolares e, não sei como, as transformavam em algo mais prazeroso.

Meu pai, dono de um humor e de uma criatividade invejáveis (ressignificados diante dos desafios e dificuldades que constituíram seu mundo vivido), atraía muitas outras crianças e, com a casa cheia, sempre

inventava jogos e brincadeiras que nos mantinham envolvidos por muito tempo e, o melhor, ele sempre brincava junto.

Minha mãe, amante das palavras, nos contava inúmeras histórias e, até na hora do sono, providenciava fitas com músicas infantis e historinhas alegres, fazendo-nos sonhar com aqueles personagens que queríamos ser, ao ouvir suas narrações. Ela as repetia sempre que solicitávamos e já sabia a preferida de cada filho.

Ainda hoje, já quase aposentados, os vejo com o mesmo ânimo e vitalidade, sua prática desvela a paixão que têm pela educação. Nossas vidas já deram muitas voltas e, sempre, encontrei neles verdadeiros amigos. Sem dúvida, são exemplos vivos de verdadeiros educadores e, para mim, constituíram fortes modelos de identificação.

Lembro também que a casa onde morávamos e passei toda minha infância estava sempre movimentada por alunos que precisavam de apoio extra-escolar ou por aqueles que se preparavam para a Universidade. Minha avó materna havia transformado parte da casa em salas de aula e, com seu curso de Magistério, trilhou um caminho de luta e empenho. Foi com muita força de vontade que estudou por conta própria os emaranhados da Matemática e da Linguagem e, assim, ajudou a formar médicos, engenheiros, professores, psicólogos, dentistas, biólogos, administradores, contadores e tantos outros.

Seus alunos, segundo depoimentos que até hoje escuto, sempre encontraram nela acolhida, afeto e carinho. Seus ensinamentos revelavam a figura de uma pessoa muito persistente e, poderíamos dizer que, para nós,

ela não precisou de nenhum diploma de Pós-Graduação, pois se fez Doutora no Mundo da Vida. Ela vibrava e sofria com as vitórias e derrotas de seus alunos e, com pouco dinheiro, pouco espaço e poucos recursos, nunca negou ajuda àqueles que dela precisaram. Segundo minha mãe, a escola de minha avó não tinha relógio; a aula durava o tempo necessário para que os alunos aprendessem e as portas de sua casa-escola estavam sempre abertas para todos os que chegassem.

Diante deste retorno reflexivo que hoje faço, posso dizer que a realização desta Dissertação faz parte de minha trajetória de vida, carregada de marcas, influências e valores que foram sendo introjetados no meu *eu* desde o início do meu viver.

Acredito que tenha se concretizado no final do meu segundo grau, período de realizar o estágio curricular do Magistério, hora de praticar e refletir sobre toda a aprendizagem do curso. E a chamada era: alfabetizar... Alfabetizar uma turma de classe social muito baixa, com idade avançada, em que diversos alunos estavam repetindo a primeira série mais de uma vez. Era uma realidade completamente oposta à que conhecera até então: os recursos eram poucos, muitos alunos estavam desmotivados, e a escola era sinônimo de obrigação, não de prazer.

Através de uma relação interpessoal positiva, professora e alunos desvelavam o mundo e suas palavras geradoras, alcançando múltiplas aprendizagens. E foi aí minha descoberta da *escola de gente*, seus limites iam além daquelas quatro paredes de madeira da nossa sala de aula. Uma escola composta de sujeitos responsáveis pela eco-auto-hetero-construção dos cidadãos.

Ver como os alunos aprendiam se fazia uma prática reflexiva e prazerosa e revelava, ao mesmo tempo, um paradoxo, pois muitos professores já desacreditavam da causa Educação, o que me fazia pensar e repensar minha ação diariamente. Foi um exercício de amadurecimento de muitas idéias, levando-me a escolher a Faculdade de Psicologia como meio de conhecer um pouco mais o ser humano, dentro de uma ótica de promoção de saúde global.

Desde o início da Faculdade, interessavam-me as disciplinas de Psicologia Social e Psicologia Comunitária e, assim, participava de pesquisas com professores dessas áreas, aprofundando o assunto. Foi também durante o curso de graduação que realizei um intercâmbio cultural e cursei um semestre de Psicologia na *Universidad Autónoma de Madrid*. Ao realizar a disciplina "*Animación y Cambio Social*", pude ampliar meus conhecimentos acerca da Psicologia Comunitária e, ao voltar para o Brasil, trouxe uma densa bagagem de novas aprendizagens, já que na Europa essa área constitui-se num avançado campo de estudos. Voltei inquietada e com um misto de desafio e incompletude, pois vi que se tratava de uma área muito ampla em que ainda havia muito por fazer.

Um ano antes de terminar o curso, fiz estágio de Psicologia Comunitária no Conselho Tutelar de Porto Alegre e minha atividade básica era a de organizar e coordenar Redes de Serviços Comunitários, nas diferentes regiões da cidade. As Redes são espaços semanais onde diversos representantes de serviços da comunidade reúnem-se, para debater problemas comuns e buscar encaminhamentos através da unificação de recursos.

Foi assim, caminhando pelas vilas de Porto Alegre e guiada por olhares atentos e curiosos, que conheci o trabalho de pessoas muito especiais, pedagogos informais, verdadeiros políglotas culturais, os agentes comunitários. Aquelas pessoas que, com um voto de confiança da comunidade, assumem o papel de líderes e se envolvem com seu entorno, contando, geralmente, com pouca formação e poucos recursos, ressignificam o mundo da vida de muitas pessoas.

Com o trabalho de conclusão de curso, li muito sobre a Psicologia Comunitária e aprofundei estudos para a elaboração da monografia: "*O fazer em Psicologia Comunitária: um caminho a ser percorrido*". Encantei-me com essa complexa área da Psicologia e uso esta sintonia para justificar a opção de pesquisa. A escolha da carreira docente como prática futura se inicia ao realizar este curso de Pós-Graduação em Educação com a intenção de investigar e compreender a Educação Não-Formal, vivenciada no cotidiano do contexto comunitário.

Diferente da Educação Formal, não exige de seus *pedagogos informais* nem diploma, nem metodologia específica e, tampouco, planejamento de conteúdo. São pessoas simples que alfabetizam adultos, distribuem ranchos para famílias carentes, acompanham gestantes e idosos da comunidade, trabalham com a conscientização sexual, ensinam a reciclar lixo e defendem a escola aberta. E, assim, vão educando-se uns com os outros, numa verdadeira comunidade pedagógica.

A relevância deste assunto está aí, pois atualmente é comum encontrarmos, no contexto educacional formal, inúmeros impasses que colocam em questão o tipo de educação ideal para o novo século. Os efeitos

da globalização invadem o cotidiano escolar e, não raro, vemos educadores insatisfeitos com teorias insuficientes (enquanto alicerces epistemológicos), metodologias pouco atraentes e grades curriculares permeadas de conteúdos aprisionados, em desacordo com a realidade vivenciada pelos alunos.

Sem dúvida alguma, a educação atravessa uma crise paradigmática, redimensionando a discussão acerca de suas necessidades emergentes. Neste contexto, esta pesquisa se propõe a desvelar os objetivos da Educação Não-Formal enquanto paradigma educacional. Para analisá-la, se faz necessária a compreensão do trabalho de agentes comunitários *educadores informais* e a análise pormenorizada das dimensões de sua atuação no contexto *comunidade*.

Proceder-se-á a análise do significado do trabalho do educador não-formal, à luz da ação pedagógica prevista socialmente. Trata-se do trabalho de educadores que atuam fora do ambiente escolar, na condução de um processo de mudança e de apropriação pela comunidade de conhecimentos e habilidades, como instrumentos sociais básicos, para a ampliação e a sistematização da compreensão da realidade.

A metodologia de pesquisa é de cunho qualitativo, sob uma ótica Fenomenológica, pois, como aponta Maffesoli:

"Ocorre que o 'popular' não é um 'conceito', isto é, algo definido a priori e para sempre. Trata-se, antes, de uma série de práticas das quais só podemos nos aproximar empiricamente e descrever fenomenologicamente, não tendo, na maior parte do tempo, nada de racional nem de contrastante, pois podem mudar

de um extremo ao outro, valorizar amanhã o que era denegrido na véspera e vice-versa" (1997, p.120).

Diante do exposto, e com o olhar voltado ao paradigma fenomenológico, propomos, através de um mergulho no mundo vivido de agentes comunitários e em seus contextos: **Compreender os múltiplos significados das ações comunitárias como alicerce paradigmático de uma Educação Não-Formal.**

1 OBJETIVOS

- ✓ Evidenciar o significado da Educação Não-Formal na vivência de agentes comunitários, buscando conhecer seus objetivos e práticas.
- ✓ Compreender a Educação Não-Formal, partindo das vivências de agentes comunitários - observando sua dinâmica e partes constitutivas da ação, aplicadas em suas realidades sociais.
- ✓ Desvelar as práticas características e integrantes da Educação Não-Formal, sob a ótica de agentes comunitários, numa *volta às coisas mesmas*, partindo da emergência do fenômeno como tônica da análise.
- ✓ Construir um referencial paradigmático da Educação Não-Formal, considerando os indicativos emergentes da prática comunitária.

2 QUESTÕES NORTEADORAS

Qual o significado da Educação Não-Formal no exercício cotidiano de agentes comunitários quanto:

- às principais práticas norteadoras de suas ações, conhecendo seus objetivos, procedimentos e significados?
- às suas percepções frente a esta prática, como a realizam e até que ponto estas atividades constituem suas vivências significativas?
- à elaboração de um corpo compreensivo de argumentos capaz de caracterizar e definir a ação comunitária como um referencial paradigmático de Educação Não-Formal?

3 OPÇÃO METODOLÓGICA

3.1 A Fenomenologia e as Redes do Vivido

Como aponta Masini (1994), o termo método tomado do grego *meta-odos* poderia ser traduzido, à luz de uma análise semântica, *para além do caminho* ou *continuar o caminho*, pois *meta* significa após, além, e *odos*, caminho. A atitude fenomenológica é, pois, *retomar um caminho* que nos conduza a ver nosso existir simplesmente como ele se mostra.

A expressão fenomenologia, analisada etimologicamente, reúne duas expressões gregas: *phainomenon* significando fenômeno e *logos* que quer dizer *discurso esclarecido, estudo*. Desta forma o termo pode ser lido como o estudo dos fenômenos, *de tudo que se mostra, tudo que se deixa ver, tudo que aparece à consciência*.

Para Moraes "(...) é, ao mesmo tempo, uma filosofia e um método de chegar à compreensão dos fenômenos, aquilo que se manifesta em si mesmo à consciência, que se dá, que se torna visível" (1993, p.16), pois a consciência é intencional, é sempre *consciência de alguma coisa*.

Ao fazer um resgate da concepção da fenomenologia enquanto método, Martins e Dichtchekenian (1984) apontam que esse movimento emerge a partir de três fontes teóricas: Hegel, Husserl e Heidegger e se empenha em mostrar a necessidade de um *elemento puro* que possa servir de ponto de partida para um pensamento, como fundamento absoluto do conhecimento. Está voltada a três princípios:

- 1) o olhar atento para o *quando* e o *como* o fenômeno se mostra;
- 2) o descrever e não explicar os fenômenos;
- 3) o não se deixar levar pelas crenças sobre a realidade, mas colocar todos os fenômenos no mesmo horizonte.

A fenomenologia tem a sua origem na Alemanha e baseia-se na Filosofia, em contraponto à Ciência Positivista, caracterizando-se como questionamento radical das ciências da própria Filosofia. Quando o Positivismo, o Neopositivismo e o Naturalismo, movimentos da primeira parte do século, davam como tranqüilo o problema da autonomia dos métodos das ciências e do seu significado e valor, Husserl (1969) escreve que a autonomia da ciência significa ocultamento, esquecimento, alienação; significa o prevalecer de um tecnicismo vazio e a perda do verdadeiro sentido da ciência para o homem.

Assim, a fenomenologia nasce e se propaga nos estudos de Husserl que teve suas origens filosóficas em Platão, Descartes e Brentano. Husserl, filósofo e matemático austríaco, foi considerado o *pai* do movimento fenomenológico contemporâneo. Para ele a consciência possui a primazia na *psique*, estando esta sempre dirigida para algo, carregada de intencionalidade. Na ótica fenomenológica, a intencionalidade, conduzida

pela consciência, é o âmbito da expressão e a linguagem verbal ou não-verbal, expressa pela via lingüística (palavra) ou corporal, é sempre significativa.

Todas as ciências, conforme o pensamento de Husserl, devem ser fundadas na subjetividade transcendental que une o mundo da vida e a experiência intersubjetiva, matéria e espírito, interior e exterior. Para ele a fenomenologia vai além do mundo exterior (transcendente, real, empírico), mergulha no mundo interior (transcendental, irreal, ideal).

Numa perspectiva epistemológica da pesquisa educacional, poderíamos situar a fenomenologia como um paradigma interpretativo qualitativo, naturalístico, humanista, pois assenta suas bases nas escolas do pensamento interacionista.

Para essa perspectiva paradigmática, prevalecem o mundo pessoal dos sujeitos e o amplo leque de significados atribuídos a suas vivências singulares e irrepetíveis. A fenomenologia é um processo dialético que congrega *sujeito que pensa e objeto que existe*; o material é ressituaado dentro do ser, é o *facto*, a facticidade, pois como aponta Merleau-Ponty: "*O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é mais do que projeto do mundo e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta*" (1999, p.491).

Para esse psicólogo da existência, o vivido é o *logos* do mundo sensível, não existindo ruptura entre sujeito e objeto, mas um carrega no outro a própria essência - situada na experiência.

É um paradigma que se opõe ao Materialismo e ao Idealismo, mas situa-se entre ambos; porém sem identificar-se com nenhum deles. Do Materialismo aceita a concepção da existência material - das coisas materiais - mas interroga-se acerca do conhecimento das essências da matéria, uma vez que para essa corrente filosófica o predomínio se centra no objeto; aqui o objeto é pensado e só é racional, verdadeiro o que é igualmente verificável.

Contrapõe-se ao Idealismo e herda a concepção centrada no sujeito. Admite a existência da realidade material, mas apenas como fenômeno. Para a fenomenologia o conhecimento se dá no encontro do ser humano com a realidade material, em palavras de Hegel (1990): "*só existe aquilo que eu penso*".

Assim, poderíamos dizer que a filosofia fenomenológica imprime uma intermediação entre essas duas correntes. Entre o ser humano e o mundo material está a situada a consciência. No *mundo da vida* - pilar central dessa concepção - o sujeito pensa e o objeto é a matéria que existe concomitante ao pensamento, à existência, ou seja, o objeto é pensado, passa pelos filtros cognoscentes do sujeito.

O ser humano, enquanto ser material e vivente, é um homem que tem necessidade. A relação entre o homem e a matéria é também uma relação entre sujeito que necessita de bens que satisfaçam as suas necessidades. Cada reflexão, cada práxis tem a sua origem na experiência do presente, no modo como *eu vivo em primeira pessoa* esse presente. Há uma ligação, algo que me envolve, uma corrente complexa de vivências e de experiências pelas quais estou circunstanciado.

Dessa forma, o método fenomenológico não se limita a uma descrição passiva, processual e ordenada; ao contrário, é uma tarefa simultânea de interpretação e reinterpretação que consiste em pôr a descoberto os sentidos menos aparentes, mas que fundamentam o fenômeno enquanto tal.

Com base no exposto, justificamos a metodologia adotada na condução desta pesquisa, pois, permitindo ao pesquisador um *mergulho no mundo vivido*, ao analisar o fenômeno como *tudo que se deixa ver* e como algo *inesgotável*, admite a experiência como meio capaz de desvelar o vivido, o singular situado na existência.

Para Martins e Dichtchekenian (1984), quando falamos do sentido de algo, não estamos nos referindo ao significado que esse algo tem. Falamos da totalidade de relações significativas, da significatividade do mundo onde cada ação, idéia se insere e do qual recebe seu **sentido** mesmo. A ontologia fenomenológica fundamenta-se no esforço compreensivo para "*tirar as vestes*" daquilo que já está aí, cotidianizado e encoberto, pela familiaridade que experimentamos no existir.

Conforme aponta Comiotto (1999), a pessoa envolvida na pesquisa fenomenológica ressignifica seu vivido através da linguagem e, ao contar, lembrar, não somente traz à tona memórias empoeiradas, escondidas no grande sótão que é a *psique*, mas ressitua a essência na existência, particulariza os fenômenos com as essências que dão significado à experiência.

Para essa fenomenóloga as essências se manifestam como relações orgânicas, intrincadas no existir, constituem as redes do vivido e podem ser descritas em sua universalidade, na totalidade da experiência original. Mas ela adverte "*o fenômeno é inesgotável, nunca é o todo, é um momento. O fenômeno não se acaba e quando fazemos fenomenologia aceitamos a possibilidade de jamais termos todas as perspectivas do fenômeno, temos de aceitar seu inevitável inacabamento*".

Quando aprendemos Psicologia, entendemos que a psicoterapia não muda o fato, mas muda o significado a ele atribuído, pois os significados vêm coloridos pelos sentimentos, ou seja, o sentir, a emoção antecede à razão. Nenhum pensamento, nenhuma ação humana é desvinculada da complexa instância do sentir.

Pelas vias da Psicologia, Comiotto (1999) nos apresenta dois importantes fundamentos fenomenológicos: a *intuição* e a *percepção*. A intuição é o que conduz à rede de significados, é a mola-mestra da fenomenologia guiada pela percepção que, conforme Merleau-Ponty: "*Não se deve pois perguntar se percebemos verdadeiramente um mundo; cumpre dizer o contrário: o mundo é aquilo que percebemos*" (1999, p.11).

A fenomenologia permite uma aproximação *intersubjetiva*; ao resgatar o aspecto humano, atribui sentido ao mundo que pode ser compartilhado. Constitui-se também como *intencional* por interagir com o mundo, por ser consciência de algo, através de uma volta ao mundo da vida.

"(...) a Fenomenologia não é algo para ser contemplado, algo impessoal, alheio, que eu possa repetir como um aprendizado. Ela só acontece no

compromisso vivo de alguém que a torna presente na maneira como o dito ou o feito é re-dito ou re-feito. O inacabamento essencial da Fenomenologia diz respeito ao apelo, à presença daquele que vai encarná-la. Sem este gesto de compromisso pessoal ela não acontece, e, simultaneamente, é por ele que ela se torna habitável para outros" (Martins e Dichtchekenian 1984, p. 7).

Ao considerar o mundo vivido das pessoas, busca compreender o amplo campo de significados envolvidos em suas vivências, sentimentos, ações e percepções. Segundo Paviani (1990):

"(...) o verdadeiro objeto da fenomenologia não é a essência, mas a essência que se mostra na existência estreitamente ligada ao mundo, em outras palavras, tem-se necessidade do "campo de idealidade" para "reconhecer e conquistar" a facticidade da existência do homem e do mundo" (p. 29).

Essa implicação, esse envolvimento, esse complexo e dialético corpo de significados é o que pretende evidenciar a fenomenologia. Sob uma ótica compreensiva, foca sua análise no entendimento do *fenômeno como tudo que se desvela* e dispensa uma análise positivista de ciência, pois não pretende medir, analisar ou mensurar.

A pesquisa fenomenológica não pode ser entendida como uma seqüência ordenada de passos e, tampouco, como um procedimento canônico. Para o desenvolvimento de uma efetiva investigação deste cunho, é preciso considerar:

- (a) A fenomenologia procura examinar a experiência humana de **forma rigorosa**, por meio de uma **ciência da experiência**.
- (b) Para a fenomenologia a **evidência** deve ser **intuitível**, ou seja, aquilo que é dado ou aceito como evidência deve ser, de fato, possível de ser experienciado e relacionado com o humano mais precisamente porque essa filosofia dirige-se para a experiência e emprega, necessariamente, uma forma de reflexão, mesmo do irrefletido.
- (c) A tarefa do pesquisador será apenas **descrever** com sinceridade e veracidade aquilo com que se deparou à luz dessa evidência. Nesse ponto Merleau-Ponty é categórico: a tarefa do fenomenólogo é descrever e **não explicar** ou **analisar**.
- (d) O campo descritivo é um complemento imprescindível à atitude de evidenciação. Merleau-Ponty recorda que a primeira conotação referida por Husserl (1969) foi a de retornar às coisas mesmas através da descrição pura do fenômeno ou de uma espécie de *Psicologia Descritiva*. Ele assegura que somente o voltar às coisas mesmas, aos fenômenos, através da descrição é que pode assegurar o "*desmentido da ciência (...) o retorno ao mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é abstrata, representativa e dependente...*" (1999, p. 7).

Parte da visão do *ser como agente em seu mundo vivido*, através da *descrição inesgotável do fenômeno*, compreende a realidade e vai além; pretende

interseccionar o concreto da objetividade com o abstrato da subjetividade, impondo uma ótica dialética e uma postura dialógica ao pesquisador, vai construindo sua intersubjetividade.

Através da fenomenologia é possível conhecer, mergulhar, penetrar, compreender. Seu foco central está no **mundo percebido pelo sujeito**. Como ilustra Moraes (1993), é um esforço de retorno à experiência original, ou seja, de resgate de como a vivência foi percebida e vivida pelo sujeito, perpassa o mundo pré-refletido ou irrefletido e aflora o mundo das experiências e sentimentos desvinculado da teorização.

Para Merleau-Ponty: "*a Fenomenologia é o estudo das essências, mas é além disso, uma filosofia que re-situa as essências dentro da existência*" (1999, p.7), e assim, não se orienta pelos fatos, mas pela realidade da consciência. Não se limita a uma descrição passiva, é simultaneamente tarefa de interpretação que consiste em pôr a descoberto os sentidos menos aparentes, os fundamentais ao fenômeno.

Sob essa ótica, estudamos os fenômenos comunitários tomando como ponto de partida o estudo das significações e das vivências conscientes e subjetivas de cada pessoa. Conforme Husserl (1969), o objeto é a *consciência pura* - dirigida para algo, intencional enquanto se exprime e dá sentido à experiência, está recolocada no mundo-vivido dos agentes comunitários.

Ao compreender o fenômeno, o pesquisador volta-se ao *mundo-da-vida*, no confronto com o mundo de valores, crenças, ações conjuntas, pelo qual o ser humano se reconhece como protagonista; é um tipo de pesquisa voltada à *totalidade do mundo vivido*.

A fenomenologia fundamenta-se:

- no encontro entre a consciência e a materialidade a partir do qual só tem sentido falar de um mundo construído com base nos fenômenos apresentados à consciência. Não cabe falar de um mundo sem o humano;
- na compreensão do fenômeno, envolvendo-se cada vez mais na sua essência, desvelando aos poucos o que está encoberto, despindo-o, num movimento circular - círculo hermenêutico - que se volta constantemente ao fenômeno na tentativa de buscar suas múltiplas significações;
- no estudo dos fenômenos tal como se apresentam à consciência, priorizando a intersubjetividade como norte na busca das essências dos fenômenos;
- no esforço de retorno à experiência original, à vida, ao mundo da experiência, ao mundo do irrefletido, como base da construção de conhecimento;
- na investigação, essencialmente na linguagem, utilizando um método capaz de conjugar o subjetivo e o objetivo a fim de compreender a totalidade, pois, conforme Moraes: "*A linguagem é a casa do ser*" (1993, p.20).

3.2 Participantes

Participaram deste estudo, seis (06) agentes comunitários - animadores socioculturais - promotores de trabalhos práticos vinculados a alguma comunidade de Porto Alegre (RS). Esses agentes comunitários são pessoas atuantes em trabalhos junto à comunidade, geralmente em caráter informal, gratuito e sem uma instrução formal prévia para desempenhar a ação que desenvolvem.

Graduados no mundo-da-vida, estão articulados ao contexto comunitário e promovem algum tipo de atividade adaptada às pessoas e ao contexto no qual estão inseridos.

São pessoas que percebem as necessidades emergentes em seu entorno social e buscam estratégias e meios apropriados para superá-las. Com algumas características de liderança, trabalham a partir das necessidades e carências, otimizando ou criando recursos, vão adaptando soluções capazes de aumentar o bem-estar comunitário.

Nas páginas que seguem apresentaremos, de forma simbólica, um pouco mais desses coadjuvantes da pesquisa. Na busca de manter o sigilo acordado entre pesquisadora e participantes no momento da entrevista, foram escolhidas seis expressões que melhor traduzem seus nomes. Tais expressões são também uma tentativa de ilustrar, através de um nome, um chamamento, uma referência figurada, um pouco de suas práticas junto à comunidade.

São elas:

- ✓ *A Recicladora da Vida*
- ✓ *O Poliglota Cultural*
- ✓ *O Pastor Social*
- ✓ *O Acendedor de Vivências*
- ✓ *O Operário das Idéias*
- ✓ *A Artesã do Aprender*

Escolhemos também algumas fotografias de Salgado (1997 e 2000), pois, através de suas lentes, esse fotógrafo, reconhecido mundialmente, consegue nos fazer penetrar em alguns *flashes* muito próprios do mundo-da-vida. Salgado eterniza momentos da história e retrata, em diferentes ensaios, temas pontuais e emergentes como: a marginalização, a miséria, a guerra, as variadas formas de violência e exclusão social, elegendo cenários como a América Latina e países pertencentes à categoria terceiro-mundista como pano de fundo dessas revelações.

Neste estudo, muitos desses temas foram abordados e revelados. Estão gravados e eternizados nos negativos da linguagem e impressos nestas páginas, servem como anúncio e denúncia de uma realidade social que está aí. As fotografias servem como uma via de representação e, conforme Barthes, a imagem fala demasiado e algumas fotografias fazem refletir, sugerem um sentido - um sentido que é diferente da palavra. Ele diz: "*no fundo, a Fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é pensativa*" (1980, p.61).

Para Barthes, analisar a fotografia é pedir emprestado à Fenomenologia “um pouco de seu projecto e um pouco da sua linguagem” e argumenta “a minha fenomenologia aceitava comprometer-se com uma força, o afeto. O afeto era aquilo que eu não desejava reduzir; sendo irreduzível, ele era por isso mesmo aquilo a que eu queria e devia reduzir a Foto” (1980, p.38-39).

Para Barthes a fotografia traz consigo duas significações numa única face: o *studium* (termo advindo do latim: *estudo, investimento*) e o *punctum* (também do latim querendo significar *ponto, picada, pequeno orifício*). Com essas categorias Barthes analisa o plano fotográfico sob duas óticas: uma que está ali, dada, explícita aos olhos de quem vê a fotografia, e outra que está por de trás daquela nítida imagem.

O *studium* é o conteúdo que está evidente na fotografia. Para reconhecer esse plano, basta olhar a foto, basta interessar-se por ela, reconhecê-la e constatar-la enquanto uma representação intencional de algo que existiu e está materializado. O *studium* é o plano material, o sentido óbvio e intencional da fotografia.

O *punctum* é aquele conteúdo que está na fotografia, mas não como algo intencional. Nem sempre está materializado no plano fotográfico, mas é aquele conteúdo que nos *trespassa*, nos atravessa, nos toca, nos fere, nos mobiliza, acomete o olhar enquanto buscamos ver o plano material, salta aos olhos quando menos esperamos. Vai além do concreto e revela o não-mostrado, o não-materializado. É o plano simbólico, a outra linguagem da fotografia.

O *punctum* é a essência sentimental da fotografia, é o que permite que um sentimento se manifeste em nós, para além do nosso olhar, quando temos apenas a intenção de ver o primeiro plano expresso na foto. É através dessa categoria que a fotografia pode nos saltar aos olhos, mobilizar, furar e entrar, simbolicamente, para nossa instância subjetiva.

Nas fotografias de Salgado (1997-2000), encontramos o *punctum* sempre presente, pois não raro elas nos passam, através da riqueza de detalhes, o sofrimento, a luta, a esperança, a dor, a morte e a vida de pessoas, cenários e fatos que marcam história. Ao conseguir passar – por meio de um plano material – essa enorme gama de sensações, sentimentos e vivências podemos dizer que a câmera de Salgado possui um *zoom* ampliado, que penetra nos olhos e impregna a alma. Esperamos que os leitores percebam o que está guardado em cada fotografia escolhida, pois elas representam muito mais.



A REICLADORA DA VIDA

Idade: 48 anos

Sexo: Feminino

Escolaridade: 2º grau

Tempo na Atividade: 6 anos

Contexto de Atuação: Vila Pinto (Mato Sampaio)

Reciclar a vida é tirar dela o que há de bom. É separar, dia a dia, o que há de importante e aproveitar cada momento como uma oportunidade de recriação. Esta agente comunitária mudou sua vida e reciclou suas vivências. Através de um sentimento de responsabilidade e compromisso, abandonou uma vida cheia de comodismos e facilidades para viver na vila junto de seus parentes e iguais. Com uma acentuada característica de liderança, invadiu terras, ajudou a construir casas e hoje é a idealizadora e coordenadora de um Galpão de Reciclagem de Lixo chamado Centro de Educação Ambiental. O espaço foi pensado a fim de combater a violência doméstica contra a mulher e funciona com 158 pessoas da comunidade (recicladores), sendo a grande maioria composto de mulheres. Na verdade, essas pessoas não só reciclam lixo, mas ressignificam seu viver, numa atividade em que são valorizadas enquanto seres com direitos e que lhes permite abandonar uma posição de submissão centrada na vitimização. Num trabalho cooperativo, a renda total do produto vendido às empresas é dividida entre todos os trabalhadores. Segundo o depoimento desta agente comunitária, as pessoas que trabalham nesse espaço singularizam novamente sua existência, pois, ao aprenderem a reciclar, já sabem separar o que serve e ainda pode ser aproveitado do que já não serve mais.

Frases Marcantes: *“Eu me considero uma liderança transformadora e não quero que as pessoas mudem, porque elas precisam se transformar. Ao transformar tu nasce de novo, as pessoas aqui estão transformadas, elas são outras pessoas, elas estão melhorando tanto na vida atual que já não conseguem imaginar como estavam naquela vida anterior e isso é só um galpão de separação de lixo e tem toda essa transformação.”*



O POLIGLOTA CULTURAL

Idade: 26 anos

Sexo: Masculino

Escolaridade: 3º grau incompleto

Tempo na Atividade: 5 anos

Contexto de Atuação: Vila Nossa Senhora de Fátima

Ser poliglota, num sentido geral, refere-se a um sujeito falante/emissor e ouvinte/recebedor de mensagens em sua língua materna e outras estrangeiras. É aquele que sabe ou fala várias línguas. No caso específico desse agente comunitário, isso ocorre porque ele é um verdadeiro poliglota, pois, além de ser um educador social, é professor de espanhol para crianças da comunidade. Fala muitas línguas, mas nem todas são oficiais. Conhece as múltiplas linguagens contextuais e faz da cultura seu dicionário de bolso sempre à mão. Conforme Bechara (1987) num país como o Brasil, temos de ser políglotas na nossa própria língua, pois admitimos uma grande quantidade de variáveis lingüísticas que são resultado de muitos fatores, tais como: diferentes geografias (variações diatópicas); épocas diversificadas (variáveis diacrônicas); camadas sociais e culturas bem distintas (variáveis diastráticas); distintas fases históricas, literárias e sociais (variáveis diafásicas). Para ele, só sendo políglotas em nossa própria língua, alcançaremos a comunicação dentro do nosso território nacional. É que comunicação representa união. Para tanto, esse poliglota da cultura percorre os múltiplos recursos oferecidos pelo entorno e, no papel de líder, coordena o Programa SASE (Serviço de Apoio Sócio-Educativo) que atende 80 crianças de 7 a 14 anos. No programa são oferecidas atividades culturais, esportivas e lúdicas, além do ensino de língua espanhola e informática. As crianças recebem alimentação e as temáticas trabalhadas funcionam como um apoio extra-escolar.

***Frases Marcantes:** “Eu não quero ser lembrado como um herói, mas poder passar por aqui, daqui a algum tempo, e ver as nossas crianças fazendo e desenvolvendo esse trabalho, talvez, até melhor porque a cada dia estamos construindo, aprendendo, vendo. (...) O que mais me chama atenção são os irmãos das crianças que freqüentam o programa, os pequenos, essas crianças me abordam na rua, vem e me abraçam, querem pegar nas minhas mãos. Quando eu saio na rua é incrível, todo mundo quer pegar nas minhas mãos. Uns pegam na cintura, outros me pedem um abraço porque eles sentem quais são as pessoas com que podem contar e por estar há tanto tempo e ser um iniciador do trabalho passei a ser, como eles mesmos já disseram para mim: o pai do programa. Sou da comunidade e estou fazendo muito por ela e, mesmo assim, vejo que muito eu já fiz e muito terei de fazer ainda, e isto é gratificante, estar caminhando na rua e ser abordado por pessoas que nem conheço por já ser uma referência para a comunidade.”*



O PASTOR SOCIAL

Idade: 58 anos

Sexo: Masculino

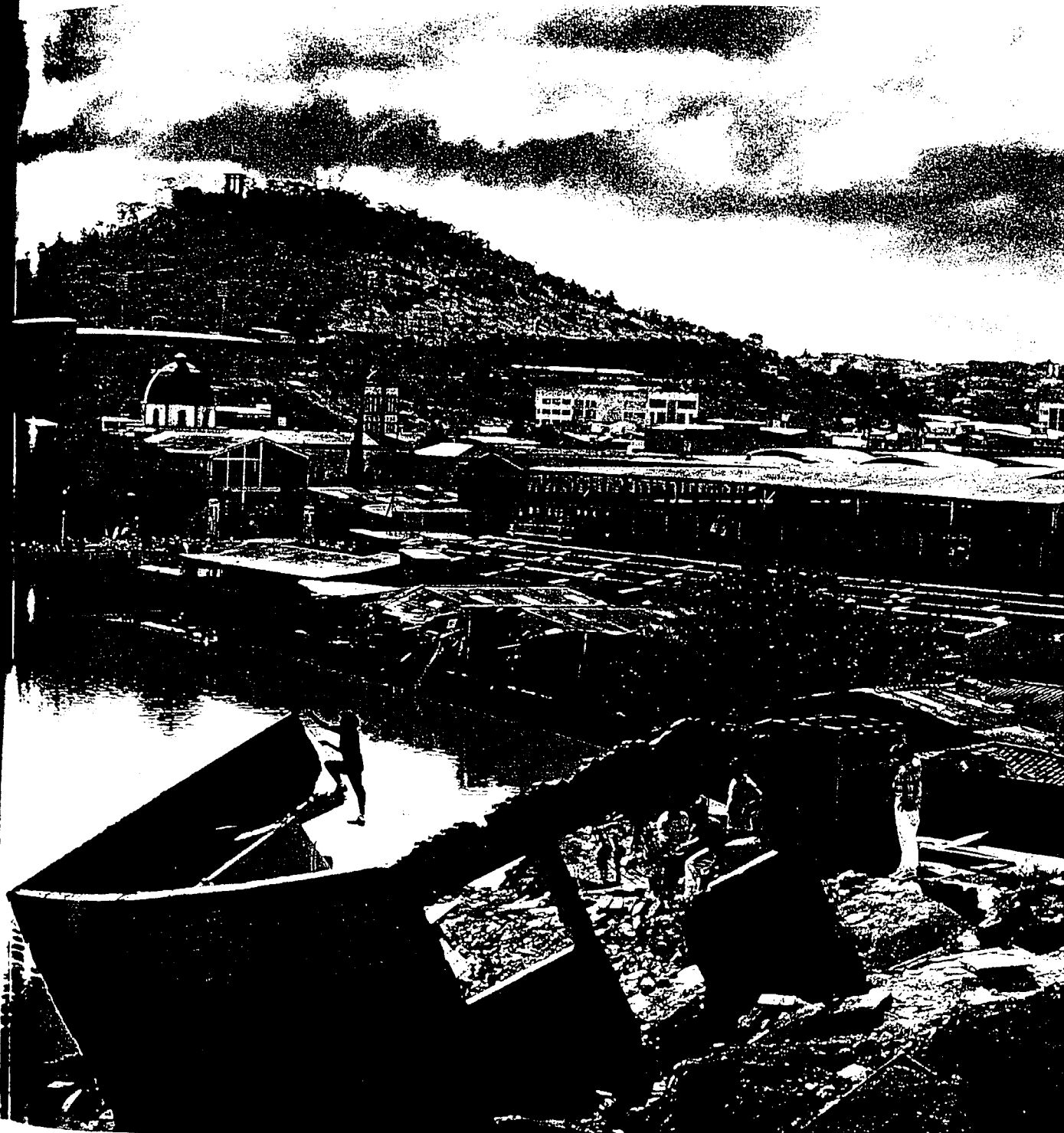
Escolaridade: 3º grau completo

Tempo na Atividade: 14 anos

Contexto de Atuação: Periferia do Bairro Glória e Jardim Cascata

O pastor é aquele que conduz e cuida de cada uma de suas ovelhas. Esse agente comunitário, chamado aqui de Pastor Social, possui formação superior em Veterinária e, na comunidade, trabalha como um guia. Num pastoreio muito singelo, vai orientando e cativando pessoas e, pouco a pouco, vai também aumentando o rebanho. Como um verdadeiro animador sociocultural, coordena um centro comunitário que oferece cursos à comunidade: computação, inglês, espanhol, cabeleireiro, manicure, pintura em tecidos, crochê, tricô, cestaria, costura e cozinha. O espaço oferece também atendimento odontológico e psicológico (grupo de gestantes, idosos e terapia individual) além de contar com uma Pastoral da Criança e serviços de Ação Social (distribuição de ranchos). Calcado num espírito solidário de doação e engajamento, o trabalho de todos os profissionais tem caráter voluntário.

Frases Marcantes: *“Vejo que existem pessoas que estão em casa, com sobra de tempo e com uma qualidade de vida ruim porque gostariam de ser mais úteis e não descobrem, então quando surge um trabalho como esse as pessoas se acham, se encontram, se realizam é uma forma das pessoas darem um sentido diferente às suas vidas (...) Eu gostaria de dizer também algo que considero muito importante e que nos preocupa, tudo que fazemos, mesmo que já tenha sido feito, ainda existe muito por fazer. As condições de vida hoje oferecidas são de muito risco, eu vejo nas grades das casas somente um sinal de defesa, um escudo e as pessoas que vão se defender, se defendem, muitas vezes, de pessoas muito próximas delas e talvez fosse mais útil e também mais barato se envolver com essas pessoas, poder ajudar para que elas não precisassem cometer nenhuma atividade de risco.”*



O ACENDEDOR DE VIVÊNCIAS

Idade: 16 anos

Sexo: Masculino

Escolaridade: 2º grau incompleto

Tempo na Atividade: 1 ano

Contexto de Atuação: Vila Nossa Senhora de Fátima

Ainda dando os primeiros passos, este agente comunitário, com apenas 16 anos, está trabalhando na comunidade há 1 ano. Seu trabalho: acender vivências e despertar para o sentido da vida. Como agente, trabalha com temas ligados a AIDS e sexualidade. Promove oficinas que funcionam como espaços de esclarecimento e prevenção e utiliza-se da visita domiciliar aos pontos críticos da vila (zonas de prostituição e uso de drogas injetáveis) como meios de prevenir a propagação da AIDS e como espaço solidário de apoio aos que já sofrem com a síndrome. As oficinas são também oferecidas nas escolas que se interessem pelo trabalho. Trata-se de uma ação voluntária e todos os materiais são confeccionados pelos envolvidos no projeto.

Frases Marcantes: *“Esta vontade de trabalhar com uma causa social já me acompanha desde pequeno quando eu falava para minha mãe que queria ser um artista bem rico para ajudar os meninos pobres, queria construir uma casa para eles e tirá-los das rua, todos que eu pudesse. Eu não me tornei um artista e nem construí esta casa, mas fazendo este trabalho eu já consigo passar para muitos jovens e, muitos deixaram de ser meninos de rua, eles não precisam morrer de AIDS e nem viver correndo, fugindo para não serem estuprados. Porque este trabalho envolve também a questão de ir contra a violência (...) Hoje minha mãe diz:- Tu pode não ser artista filho e não ter dinheiro para a tal casa, mas tu já está ajudando muita gente. Quando eu falava deste sonho para as pessoas, muita gente achava engraçado e, hoje, eu vejo que é possível ajudar os outros, mas tem que querer realmente.”*

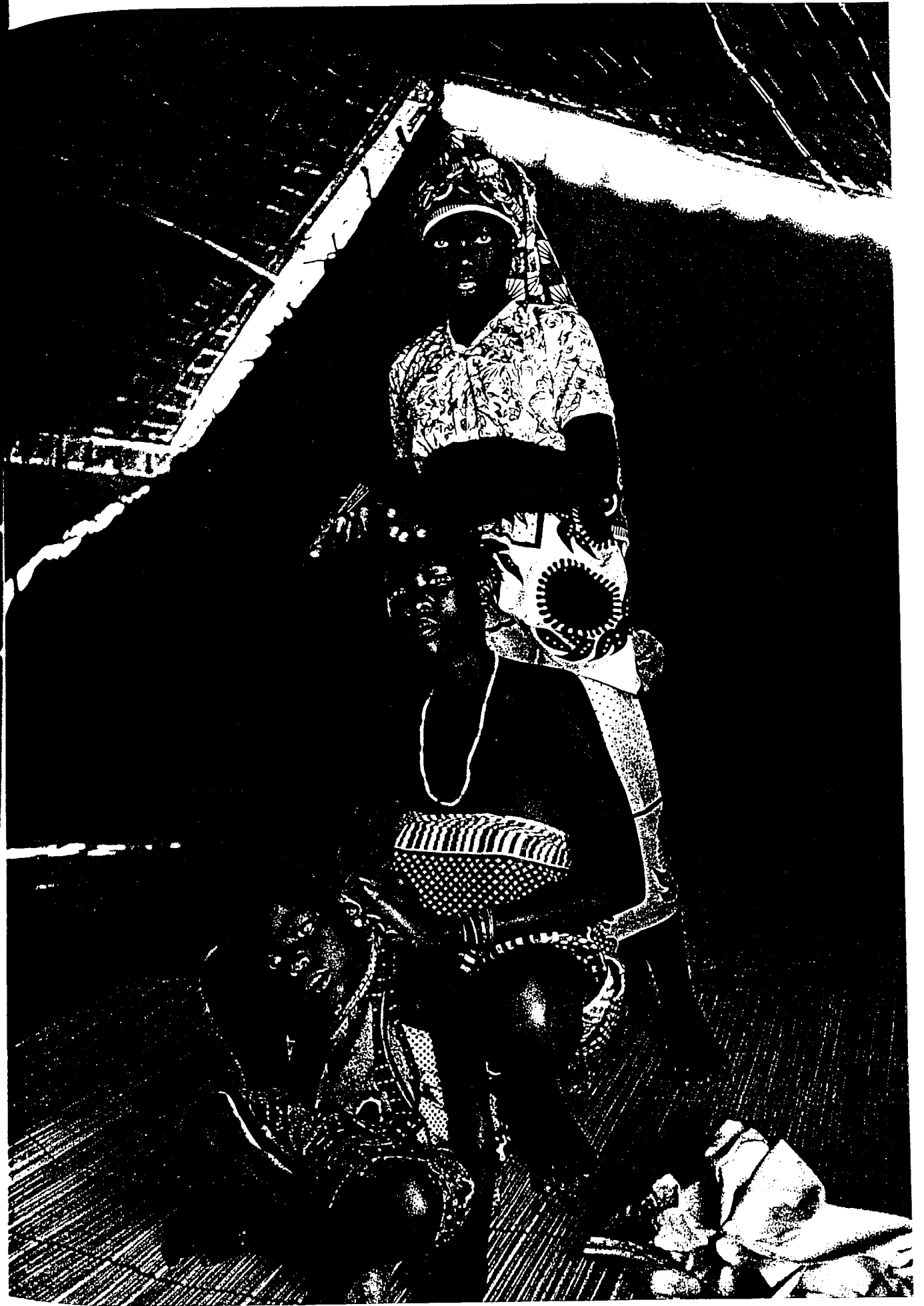


O OPERÁRIO DAS IDÉIAS

Idade: 32 anos	Sexo: Masculino
Escolaridade: 3º grau completo	Tempo na Atividade: 12 anos
Contexto de Atuação: Partenon e Lomba do Pinheiro	

Antes de construir, esse operário está mais interessado em localizar, conhecer e operar com as idéias emergentes da população. Em sua fala, essas idéias aparecem como matéria-prima para um alicerce que deve ser feito em conjunto. Como conselheiro tutelar trabalha em defesa de crianças e adolescentes e é, também, coordenador da comunidade da Lomba do Pinheiro. Promove espaços de discussão e reflexão e incentiva a solidariedade e a participação popular em espaços como o Orçamento Participativo e o MST (Movimento Sem Terra). Na sua ação, trabalha com o despertar para a mobilização como o cimento que une e fundamenta novas idéias. Busca capacitar novos operários pertencentes ao entorno para a construção de uma organização apoiada na autogestão comunitária.

Frases Marcantes: "O que falta nas comunidades em que trabalhamos é tentar fazer com que as pessoas se comprometam com a vida, dando uma visão de como as pessoas podem fazer isso. O que acontece muito ainda é que, ao invés de ser uma cultura da solidariedade, o ser solidário porque é necessário, o ser solidário sempre, acontece o ato de solidariedade. (...) O ser solidário é se sentir responsável, sentir que tenho parte naquela falta que a outra pessoa tem e se falta comida ou roupa eu tenho que pensar: -Bom, eu também tenho parte nisso. Essa é a atitude solidária, a solidariedade em si e não um ato isolado. Nós que estamos na frente das comunidades de base temos que trabalhar essa noção. Acredito que na vida, se conseguirmos partilhar o pouco que se tem já é o suficiente para resolver o problema de todos. Eu acredito que a partilha pode fazer com que as pessoas tenham seus direitos garantidos. E aí entra a questão de criar uma cultura, uma cultura solidária, onde as pessoas sintam que são responsáveis umas pelas outras e não com atos solidários. Tem que ser uma cultura onde, de fato, eu precise fazer parte na vida dos outros, essa é a grande diferença."



A ARTESÃ DO APRENDER

Idade: 53 anos	Sexo: Feminino
Escolaridade: 3º grau completo	Tempo na Atividade: 30 anos
Contexto de Atuação: POA e interior do RGS	

Por artesão podemos entender aquele que exerce um ofício manual, cria novas formas, pinta, molda, lapida, tece. Esta agente comunitária, artesã do aprender, nos mostra, através de suas práticas, como podem ser tramados os fios que articulam uma educação global. Aluna de Paulo Freire, idealizadora e membro ativo de uma ONG chamada IDH (Instituto de Humanização), nos mostra a importância de capacitar pessoas para a vida, para que sejam *gente*. Esta organização não-governamental, dentro de uma concepção da escola aberta, está preocupada em trabalhar *conteúdos* voltados à vida, à humanização, num resgate do que foi perdido e esquecido nos centros de formação. Para esse organismo, a educação é um direito de todos (e não de uma parcela minoritária da população) e vai muito mais além, está no corpo, no não-verbal, nos cheiros, nos movimentos e nas cores.

Frases Marcantes: *“A gente começou a se dar conta que para entender uma proposta metodológica de um nível desses, numa perspectiva comunitária, temos que estar noutro contexto humano, estar sofrendo desde as entranhas, estar revoltado com o que está aí, mas no âmbito humano, como ser humano. É a essência da vida que está comprometida. Tu tem que estar solidário desde dentro, tem que estar sem pretensão de ser famoso, sem pretensão de escrever livro e ser famoso, se estás com humildade te comprometes, agora; se tu queres te eleger ou ser um escritor famoso, a comunidade não é o lugar ideal para isso.”*

3.3 Coleta das Informações: Instrumentos e Técnicas

A entrevista fenomenológica é o pilar central desta pesquisa, pois é o momento em que ocorre o verdadeiro *despir-se* do fenômeno; é o momento em que o fenômeno tira as suas vestes. Assim, procuramos promover e priorizar aspectos essenciais como: sigilo, ética, ambiente favorável e empatia.

Numa tentativa de aproximação da verdadeira *epoché*, buscamos colocar nossos valores e preconceitos entre parênteses, em suspensão, numa tentativa de manter o fenômeno tal como ele se dá, distante de nossas crenças ou predicados.

O roteiro (anexo 1) norteador da entrevista foi adotado de forma flexível e elaborado levando em consideração toda a história social do entrevistado, incorporada aos processos de sua existência, pois, segundo Carvalho: "*enredado no mundo, o cliente é o sujeito da história e conta história, faz-se historicidade e escreve sua história vivida que é ao mesmo tempo, a história dos gestos humanos*" (1987, p. 71).

Para a coleta das informações, utilizamos entrevistas dialógicas com agentes comunitários de seis (06) diferentes comunidades de Porto Alegre: Comunidade da Glória e Jardim Cascata, Vila Nossa Senhora de Fátima, Mato Sampaio, Partenon e Auxiliadora.

Foram entrevistados agentes de ambos os sexos sem delimitação de idade, uma vez que os tópicos sexo e faixa etária são irrelevantes na essência

desta pesquisa. De outro lado, foram consideradas como requisito fundamental nesta coleta as entrevistas com pessoas que desenvolvem a educação não-formal como prática cotidiana, ou seja, ouvimos aquelas pessoas destacadas pela comunidade como verdadeiros agentes, promotores de atividades de relevância comunitária.

Mediante o consentimento prévio e espontâneo desses agentes comunitários, todas as entrevistas foram registradas em gravações de áudio e posteriormente transcritas literalmente para que fosse preservada a fala integral e singular de cada participante.

Como um espaço de acolhimento, a entrevista fenomenológica traduz-se como um momento de encontro em que a pessoa é o fenômeno a ser conhecido e compreendido pelas lentes da interpretação do fenomenólogo. Não busca a explicação e, tampouco, se centra na obtenção de um diagnóstico, pois, como aponta Carvalho:

"Uma entrevista fundamentada numa metodologia fenomenológica, conseqüentemente, não submete a situação observada e o cliente a uma análise conceitual, classificadora, orientada por um esquema de idéias e direcionada para determinados fins (...) Uma entrevista de inspiração fenomenológica é um 'ver' que não é 'pensamento de ver', como observa Merleau-Ponty, mas efetivação de uma consciência de si, a do cliente" (1987, p. 30).

Percebemos estar a entrevista orientada fenomenologicamente preocupada em efetuar a experiência da compreensão desde o interior, partindo da essência - elemento invariante que se retirado do fenômeno o

deixa sem sentido, pois o mundo é aquilo que é percebido pelo sujeito, conforme aponta Merleau-Ponty (1999).

Como um encontro bipessoal, conforme aponta Capalbo (1980), a entrevista fenomenológica é "*um encontro sobre a forma de coexistência - do existir com*" e sob esse enfoque deve ser considerado um momento de troca, em que "*sempre se dá e se recebe*", considerando as singularidades e a liberdade dos envolvidos.

3.4 Metodologia para Análise dos Dados

Para efetivar a análise dos dados, utilizamos a metodologia proposta por Giorgi (1985 e 1997), em cinco passos de aplicação do método, acrescidos de um sexto passo, proposto por Comiotto (1992):

- **1º PASSO:** coleta das informações através de gravação em áudio utilizando um roteiro pré-estabelecido, flexível, delineado e encadeado com a proposta da entrevista fenomenológica. É o momento em que o pesquisador dirige-se para o fenômeno da experiência conforme ele se dá. Isto quer dizer, há um mundo *fenomenal* ao redor que surge no encontro da entrevista, um mundo de significados ofertado, doado ao fenomenólogo à medida que ele se deixa guiar pela trajetória do vivido compartilhado. A partir desta etapa primeira, é preciso ter *coragem*, conforme propõe Moraes (1993), para assumir os riscos de uma pesquisa que se transforma ao longo de sua realização.

- **2º PASSO:** escutar as fitas de áudio, transcrevendo as falas numa aproximação descritiva fidedigna, fazendo a leitura e releitura das entrevistas, efetuando uma análise completa de cada descrição a fim de captar **o sentido do todo**. É uma etapa fundamental da análise, pois é o momento de impregnação do pesquisador pelo sentido total do campo fenomenal revelado.

- **3º PASSO:** **discriminação das unidades de significado** pela redução fenomenológica, partindo do sentido do todo, voltando às evidências desveladas pelo fenômeno.

- **4º PASSO:** é feita a retomada de todas as unidades, reescrevendo-as em função do fenômeno que está sendo investigado. Neste momento da análise é feita uma transformação da linguagem dos sujeitos em linguagem do pesquisador. É um processo de **transformação das unidades de significado em linguagem educacional, acadêmica.**

- **5º PASSO:** nesta etapa é realizada uma **síntese das unidades de significado**, transformadas em uma perspectiva consistente e reunidas num texto harmônico de acordo com a estrutura da experiência, expressa em diferentes níveis. É importante neste momento que os fenomenólogos não se detenham nas particularidades, mas que mergulhem nos aspectos essenciais, estruturais e invariantes dos fenômenos. Segundo Moraes: "*as evidências vivenciadas por um sujeito, o são também por outros sujeitos, emergindo daí o conjunto das significações que constituem o mundo em que vivemos*" (1993, p.22).

- **6º PASSO:** pretende encontrar as **dimensões fenomenológicas** contidas nas essências. As dimensões ganham corpo nos tópicos centrais emergentes das entrevistas, é o olhar sobre a *volta às coisas mesmas*, ao fenômeno existencial descrito pelos participantes. As dimensões são aqueles aspectos marcantes que aparecem nas entrevistas, o *fio condutor* das vivências.